

Meninas na Educação Física escolar: uma análise das causas e reflexões sobre seus impactos

Affecting girls' engagement in Physical Education: a study of causes and implications

Niñas en la Educación Física escolar: un análisis de las causas y reflexiones sobre sus impactos

Bruno Macedo Souza¹

<https://orcid.org/0000-0002-2601-7391>

Kênia Souza dos Santos²

<https://orcid.org/0000-0001-5442-7366>

¹ Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, Betim, Minas Gerais – Brasil. E-mail: brunomcsouza@gmail.com.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, Brasília, Distrito Federal – Brasil. E-mail: keniaeduf@gmail.com.

Resumo

Esse estudo objetiva identificar os fatores que influenciam na participação das meninas nas aulas de Educação Física (EF) e refletir sobre os impactos dessa participação na sua formação, a partir da literatura sobre o tema. Trata-se de uma revisão de literatura, que coletou seus estudos nas bases de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO), do Portal de Periódicos da Capes e do Google Scholar, utilizando de palavras-chave que permitiram selecionar oito artigos que compõem a análise. Os resultados compartilham das percepções de que a participação feminina nas aulas tem uma relação com as desigualdades de gênero na sociedade brasileira. Desta maneira, os discursos preconceituosos, os binarismos, a predominância dos esportes e a pouca diversidade de conteúdos são questões muito presentes nas aulas de EF, que influenciam na participação de meninas. Assim, é muito necessário que as aulas de EF na escola sejam um espaço de acolhimento das diversidades, promovendo um ambiente crítico e propício a novas aprendizagens, para além dos conteúdos tradicionais.

Palavras-chave: Gênero. Educação Física. Participação de meninas. Escola.

Abstract

This study aims to identify the factors that influence girls' participation in Physical Education (PE) classes, based on the literature on the subject. It is a literature review that collected its studies from the databases of the Scientific Electronic Library Online (SciELO), the Portal de Periódicos da Capes, and Google Scholar, using keywords that allowed the selection of eight articles, which make up the analysis. The results share the perceptions that female participation in classes is related to gender inequalities in Brazilian society. In this way, prejudiced discourses, binarisms, the predominance of sports, and the lack of content diversity are very present issues in PE classes that influence girls' participation. Thus, it is very necessary that PE classes in schools be a space for welcoming diversity, promoting a critical environment conducive to new learning, beyond traditional content.

Keywords: Gender. Physical Education. Girls' participation. School.



Resumen

Este estudio tiene como objetivo identificar los factores que influyen en la participación de las niñas en las clases de Educación Física (EF) a partir de la literatura sobre el tema. Se trata de una revisión de literatura que recopiló sus estudios en las bases de datos Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos de la Capes y de Google Scholar, utilizando palabras-clave que permitieron seleccionar ocho artículos, los cuales conforman el análisis. Los resultados comparten la percepción de que la participación femenina en las clases está relacionada con las desigualdades de género en la sociedad brasileña. De esta manera, los discursos prejuiciosos, los binarismos, la predominancia de los deportes y la poca diversidad de contenidos son cuestiones muy presentes en las clases de EF que influyen en la participación de las niñas. Así, es muy necesario que las clases de EF en la escuela sean un espacio de acogida de las diversidades, promoviendo un ambiente crítico y propicio para nuevos aprendizajes, más allá de los contenidos tradicionales.

Palabras clave: Género. Educación Física. Participación de niñas. Escuela.

1 Introdução

Historicamente, as mulheres foram excluídas do acesso às instituições educacionais no Brasil. Somente no século XIX, por meio da promulgação da Lei de 15 de outubro de 1827, foi conferida a elas a oportunidade de frequentar tais estabelecimentos. Consequentemente, a estrutura organizacional dessas instituições escolares apresentava distinções notáveis entre meninos e meninas, refletindo a persistência das concepções sociais que atribuíam papéis diferenciados a homens e mulheres na sociedade. Essa configuração estava intrinsecamente vinculada a uma ordem social ainda predominantemente patriarcal, na qual as mulheres eram percebidas como seres frágeis e, invariavelmente, associadas ao papel tradicional de cuidadoras, como afirma Ferreira (2019, p. 47) “é importante salientar que a escola desde os primeiros tempos pensava a escolarização feminina cercada de cuidados e buscando encaminhar as mulheres para ocupações condizentes com seus papéis tradicionais”.

Desse modo, as construções inerentes aos seres humanos se entrelaçam ao desenvolvimento da sociedade, configurando-se, na realidade brasileira, com uma lógica que delineia preconceitos associados às percepções de masculinidade e feminilidade. Nesse contexto, torna-se imperativo conscientizar-se das complexidades das questões de gênero que permeiam o cotidiano escolar. Sob essa perspectiva, o gênero é compreendido, pelos estudiosos, como uma construção cultural na qual os espaços sociais exercem influência nas subjetividades individuais. É fundamental reconhecer que, em diferentes momentos históricos e sociedades, as concepções de gênero assumem distintas formulações (Louro, 1997; Souza, 2023).

Diante disso, a instituição escolar, configurada como um espaço social e cultural, engloba uma diversidade de indivíduos dotados de distintas características, dinâmicas, estruturas familiares e crenças, todos interagindo entre si. É essencial que todos os integrantes da comunidade educacional cultivem habilidades para coexistirem harmonicamente com seus pares, independentemente de seu gênero ou constituição enquanto seres subjetivos. No âmbito escolar, destacam-se as aulas de Educação Física (EF) como um contexto propício para o diálogo e a manifestação das singularidades de cada estudante. Nessa perspectiva, é fundamental que o educador desempenhe uma mediação cuidadosa em suas práticas pedagógicas, promovendo um espaço inclusivo, priorizando a valorização da diversidade e o respeito mútuo entre os participantes.

As aulas de Educação Física necessitam ter um trabalho em conjunto de meninos com meninas, com um enfoque inclusivo, para que todas as problemáticas desveladas nessa relação entre eles sejam trabalhadas pelo professor, pois estes estudantes trazem práticas/vivências diferentes entre si, o que pode levar a conflitos. Desta forma, com um trabalho de diálogo, os estudantes podem perceber que, na EF, nem todos os meninos se identificaram com os esportes e jogos coletivos, além do que meninas também sabem e querem jogar, além do fato de que tal ideia é somente uma construção sociocultural (Altmann; Ayoub; Amaral, 2011).

Em diversas circunstâncias, a ausência de participação por parte das meninas pode ser explicada pela ausência de experiência em determinadas práticas corporais: muitas delas não foram apresentadas anteriormente a determinadas atividades físicas. Contrariamente, é comum que os meninos tenham adquirido alguma experiência em modalidades diversas, uma vez que, desde a infância, são frequentemente incentivados a se engajarem em jogos, brincadeiras com bolas ou a participarem de escolinhas de futebol. A disparidade temporal nesse contato com as atividades físicas se reflete, notadamente, nas aulas de Educação Física. Compreender os fatores relacionados à não participação das meninas, para além do desconforto pessoal, revela-se de fundamental importância.

A autora Ferreira (2019, p. 13), analisando determinada realidade e mesmo estando em um tempo diferente, traz uma participação feminina similar à que vivenciou.

Em cada escola, em cada turma o que saltava aos olhos era que as meninas, assim como no tempo de escola vivenciado como aluna, não eram participativas nas aulas de Educação Física. Tal fato desperta ainda mais interesse, pois mesmo que não tenham passados tantos anos, os tempos são outros, assim como os pensamentos e comportamentos (Ferreira, 2019, p. 13).

Conforme evidenciado pelo testemunho da docente anteriormente apresentado, persiste uma escassez notável na participação feminina nas aulas de Educação Física, mesmo após transcorrido um período considerável. Surge, portanto, a necessidade de investigar as causas relacionadas a essa limitada participação por parte das alunas. Analisando as aulas de Educação Física Escolar (EFE), é perceptível um interesse maior, por parte dos meninos, em participar das práticas corporais. Sendo assim, avaliando a literatura sobre o assunto, surge o seguinte questionamento: quais os principais fatores que influenciam na participação das meninas nas aulas de Educação Física? Com vistas a responder à questão norteadora, o objetivo desta pesquisa é identificar os fatores que influenciam a participação de alunas nas aulas de Educação Física Escolar e refletir sobre os impactos dessa participação na sua formação.

2 Percurso metodológico

Este estudo caracteriza-se como uma revisão de literatura, com o objetivo de identificar os fatores que influenciam a participação de meninas nas aulas de Educação Física e refletir sobre os impactos dessa participação na sua formação integral. A revisão de literatura, de cunho qualitativo, busca sistematizar o conhecimento produzido sobre o tema, identificando lacunas e apontando caminhos para novas pesquisas (Santos *et al.*, 2022, p. 141). A abordagem utilizada combina elementos da perspectiva hermenêutica, focada na interpretação e síntese das informações extraídas dos artigos selecionados, com a perspectiva crítico-dialética, que busca analisar a influência de fatores socioculturais e históricos na construção do fenômeno.

A busca pelos artigos foi realizada de janeiro a fevereiro de 2024, período da Revisão da Literatura, nas bases de dados eletrônicas Google Scholar, Portal de Periódicos da CAPES e SciELO. As palavras-chave “participações de meninas”, “educação física”, “engajamento feminino” e “participações das meninas” foram combinadas utilizando o operador booleano "AND" para refinar os resultados, selecionando artigos que abordassem a intersecção entre esses termos. Essa busca inicial resultou em 60 artigos. Em seguida, analisaram-se os títulos, os tipos de publicação e os resumos, o que permitiu selecionar dez publicações científicas.

Finalmente, esses artigos foram avaliados com base em sua classificação no Qualis Periódicos da CAPES (2017-2020), centrado na área de Educação Física e área da Educação com foco em artigos vinculados à Educação Física, culminando na seleção de oito artigos para análise. Os dados bibliográficos desses artigos estão disponíveis no Quadro 1.

Quadro 1 – Artigos selecionados.

Título	Autores	Revista de Impacto	Data de publicação	Qualis CAPES (2017- 2020)
A mulher no mundo do futebol: participação nas aulas de Educação Física	Adelmax Pedral Cruz; Valeria Silva da Conceição; Frederico Barros Costa; Cássio Murilo Andrade Lima Júnior; Jymmys Lopes dos Santos; Fábio José Antônio da Silva; Lúcio Marques Vieira Souza	Revista Brasileira de Futsal e Futebol.	jan./dez. 2021	B3
Relações de gênero na educação física escolar: contribuições da educação popular	Pedro Zavatto Junior; Valéria Vasconcelos	Revista Motricidades.	maio/ago. 2022	B1
Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de Educação Física	Juliana Fagundes Jaco; Helena Altmann	Revista Educação em Foco.	jun. 2017	A3
“E a gente teve que aprender a conviver”: meninas e futsal escolar	Antônio Jorge Martins Malvar; Osmar Moreira de Souza Junior	Revista Motricidades	jan./abr. 2021	B1
Discussão de gênero nas aulas de Educação física: uma revisão sistemática	Naiara da Rocha Matos; Geisa Silva Brasileiro; Rodolfo Teixeira Rocha; Jorge Lopes Cavalcante Neto	Motrivivência	maio 2016	B2
Participação de meninas no Fútbol Callejero: intervenção na Educação Física Escolar	Maria Carolina Derencio Oliveira; Tiago Grifoni; Nathan Raphael Varotto	Revista Motricidades	jan./abr. 2020	B1
Educação Física Escolar e Gênero: Influências de fora da escola na participação em aulas	Juliana Fagundes Jaco; Helena Altmann	Educação: Teoria e Prática	jan./abr. 2016	A2
Gosto, importância e participação de meninas e meninos na Educação Física no ensino médio	Marcos Roberto So; Mariana Zuaneti Martins; Gilson Rodrigues Santos; Elaine Prodócimo; Tatiana Zuardi Ushinohama; Mauro Betti	Educación Física y Ciencia	jan./mar. 2021	B2

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

A seleção dos artigos para esta revisão de literatura foi baseada em critérios rigorosos de inclusão e exclusão. Para serem incluídos, os artigos deveriam abordar a participação de meninas nas aulas de Educação Física. Além disso, deveriam estar escritos em português, com acesso integral e gratuito ao texto completo, e publicados em periódicos classificados no Qualis Periódicos da CAPES (2017-2020), na área de avaliação de Educação Física, até o estrato B3. Foram excluídos estudos que não atendessem à temática específica, duplicatas de artigos já incluídos, chamadas de dossiês, editoriais ou resenhas, e trabalhos não publicados em periódicos acadêmicos revisados por pares.

A revisão compreendeu três etapas: 1) seleção inicial por títulos e resumos, selecionando os artigos potencialmente relevantes para a pesquisa; 2) leitura completa e análise dos artigos selecionados; e 3) síntese e interpretação dos dados. A partir da leitura completa dos oito artigos selecionados, emergiram categorias de análise, que foram organizadas em uma matriz para sistematizar a análise dos dados. A matriz contempla: Relação de Poder, Incentivo da Família, Exclusão Social, Autoexclusão, Seleção dos Conteúdos/Intencionalidade Pedagógica e Formação do Professor. Os dados foram então sintetizados e interpretados à luz da literatura e do problema de pesquisa: "Quais fatores influenciam a participação de meninas nas aulas de Educação Física?". Para aprofundar a análise, considerando a natureza histórico-social do tema, articularam-se as categorias da matriz com as perspectivas temporal sincrônica (fatores atuais) e diacrônica (evolução histórica e persistência de estereótipos).

A metodologia deste estudo, combinando elementos das abordagens hermenêutica e crítico-dialética, visa compreender o objeto (participação de meninas nas aulas de EF) em seus múltiplos contextos (socioculturais, escolares etc.) e em sua dimensão histórica. Após uma leitura aprofundada dos artigos selecionados, foi possível construir uma matriz de análise que contemplasse os seguintes fatores: Relação de Poder (analisando como tais relações influenciam a participação das meninas); Incentivo da Família (investigando o papel da família no estímulo à prática de atividades físicas); Exclusão Social (examinando como afeta a participação); Autoexclusão (analisando as razões que levam as meninas a se autoexcluírem das aulas); Seleção dos Conteúdos/Intencionalidade Pedagógica (investigando a influência da seleção de conteúdos e da intencionalidade pedagógica na participação); e Formação do Professor (analisando como a formação do docente contribui para a inclusão das meninas nas aulas).

Essa abordagem se alinha aos princípios da Matriz Epistemológica proposta por Gamboa (2018), que enfatiza a importância de articular as dimensões lógicas (métodos, teorias) e históricas (contexto social, influências) da pesquisa. O pesquisador, ao interpretar e sintetizar as informações, têm em vista compreender os significados e sentidos atribuídos ao fenômeno por diferentes autores, reconhecendo a influência de fatores sociais, culturais e históricos na construção do objeto. A explicitação dessas categorias da matriz de análise e a articulação das dimensões sincrônica e diacrônica, conforme proposto por Gamboa (2018), contribuem para a coerência interna e o rigor científico da revisão. A concepção de ser humano como sujeito social e historicamente situado, presente na discussão sobre a influência dos estereótipos de gênero, reforça o alinhamento com a perspectiva crítica da Matriz Epistemológica (Gamboa, 2018).

3 Resultados e discussão

A análise dos artigos que compõem esta pesquisa revelou informações convergentes acerca da participação de meninas nas aulas de Educação Física, permitindo a construção de uma matriz de análise que sintetiza os fatores de influência identificados. Essa matriz, elaborada a partir dos achados da revisão bibliográfica, evidencia a complexidade do tema e norteia a discussão subsequente. Os fatores-chave resultantes dessa análise que serão explorados a seguir são: Relações de Poder; Incentivo Familiar; e Exclusão Social, Autoexclusão, Seleção de Conteúdos e Intencionalidade Pedagógica.

3.1 Relações de poder: a herança patriarcal na escola

A sub-representação feminina nas aulas de Educação Física não é um fenômeno superficial ou recente. Está profundamente enraizada na constituição histórica da escola como espaço sociocultural, reproduzindo e perpetuando a herança patriarcal que limitou o acesso das mulheres às práticas corporais e esportivas, moldando um imaginário social que reverbera até os dias de hoje. Análises da literatura especializada (Jaco; Altmann, 2017; Malvar; Souza Junior, 2021; So *et al.*, 2021) demonstram como essa herança influencia a dinâmica escolar, perpetuando estereótipos de gênero e definindo papéis distintos para meninos e meninas.

Essa herança se materializa na atribuição de características como docilidade, sensibilidade e submissão às meninas, contrastando com a liberdade e o incentivo que os meninos recebem para praticar esportes e se desenvolverem fisicamente, frequentemente desde

a infância. Um exemplo marcante dessa diferenciação é o Decreto-lei nº 3.199 de 1941, que proibia a prática de esportes considerados “incompatíveis” com a “delicadeza feminina” (Brasil, 1941; Di Pierro, 2007; Ferreira, 2019). Vigente por quase quatro décadas, este decreto cristalizou a construção social de uma feminilidade frágil e passiva, dissociada da força, da habilidade física e do espírito competitivo – características tradicionalmente associadas ao universo masculino. Essa associação histórica da mulher ao espaço doméstico e ao cuidado, em detrimento do desempenho esportivo e da competição, influencia diretamente a percepção das meninas sobre suas capacidades e seu lugar no esporte.

O estudo de Jaco e Altmann (2017) oferece um exemplo concreto dessa dinâmica: meninas de uma turma observada se sentiam menosprezadas pelos meninos ao tentarem participar de jogos de futebol, sendo frequentemente excluídas ou ridicularizadas por seus erros. Essa dinâmica reforça a internalização dos estereótipos e a autoexclusão das meninas, que passam a acreditar que não pertencem àquele espaço.

A internalização desses estereótipos e a consequente construção de um imaginário social limitante em relação às práticas esportivas femininas demandam tempo e esforço para serem desconstruídos. Superar essas barreiras socioculturais é essencial para promover a participação e o engajamento das meninas nas aulas de Educação Física (Cruz *et al.*, 2021; Matos *et al.*, 2016).

No contexto da Educação Física Escolar (EFE) brasileira, essas barreiras históricas se traduzem na perpetuação de estereótipos de gênero baseados em uma lógica biologicista e binarista que reduz as diferenças entre meninos e meninas a critérios puramente biológicos, desconsidera a complexidade da construção social de gênero e limita as vivências corporais das meninas (Jaco; Altmann, 2017; Malvar; Souza Junior, 2021; So *et al.*, 2021). A segregação por sexo, ainda presente em algumas práticas pedagógicas, baseia-se nessa justificativa biologicista, desconsiderando outros critérios relevantes e perpetuando um modelo reducionista de Educação Física. Essa visão limitada, que define o que seria “natural” ou “adequado” para cada gênero em termos de desempenho e habilidades, ainda permeia o imaginário de muitos estudantes, como ilustra a fala da aluna:

“A gente defende essa tese de que deve ser separado o esporte entre homens e mulheres porque mesmo que a mulher treinar nas mesmas condições e períodos que um homem, ela não vai conseguir se igualar a ele, pois a naturalidade da mulher é diferente do homem. O homem tem mais hormônio da testosterona e a mulher acaba sendo mais fraca que o homem” [...] (Oliveira; Grifoni; Varotto, 2020, p. 23).

Essa justificativa, baseada em diferenças biológicas entre homens e mulheres, ignora as vivências individuais e a influência sociocultural na construção das habilidades e dos comportamentos de cada gênero. A crença de que a mulher é naturalmente mais fraca e menos habilidosa para o esporte reforça estereótipos e limita suas possibilidades de participação e desenvolvimento. É fundamental compreender que as habilidades não são determinadas apenas pela biologia, mas também são construídas socialmente por meio de padrões e expectativas de gênero (Campos *et al.*, 2008; Jaco; Altmann, 2017; Louro, 1997).

Desde a infância, meninas e meninos são expostos a diferentes estímulos e expectativas em relação às práticas corporais. Meninos são frequentemente incentivados a participar de esportes e jogos, enquanto meninas são direcionadas a atividades consideradas mais "adequadas" ao seu gênero, reforçando a ideia de que o espaço esportivo é predominantemente masculino. Essa diferenciação, que se inicia no ambiente familiar e se estende à escola, influencia diretamente as vivências e as habilidades que meninos e meninas desenvolvem ao longo de sua formação (Jaco; Altmann, 2017; Junior; Vasconcelos, 2022; Sousa; Altmann, 1999).

A influência da sociedade machista e patriarcal se manifesta na construção de normas e expectativas que moldam os caminhos de meninas e meninos, determinando, desde cedo, como seus corpos devem se comportar e se expressar. Essa construção social de gênero, baseada em relações de poder e dominação masculina, perpetua a representação de mulheres como frágeis e emotivas e de homens como fortes e racionais, limitando as vivências e o desenvolvimento de habilidades de ambos os gêneros fora do ambiente escolar (Jaco; Altmann, 2017; Junior; Vasconcelos, 2022; Sousa; Altmann, 1999).

Essa dinâmica de poder se reproduz no ambiente escolar, notadamente nas aulas de Educação Física. Observa-se a dominação masculina e a busca por protagonismo por parte dos meninos, comportamentos influenciados por suas experiências e relações anteriores com o esporte e o movimento. Jaco e Altmann (2016) reforçam a importância de se olhar para além dos muros da escola a fim de compreender as relações que se estabelecem nas aulas de Educação Física: "para pensar sobre as relações que se estabelecem nas aulas de educação

física, é importante que também se olhe para o que alunos e alunas trazem de fora, a partir de outras experiências, vivências, realidades e que contribuem e interferem nas suas ações e relações com a aula de educação física" (Jaco; Altmann, 2016, p. 22).

As vivências prévias dos estudantes são, portanto, fundamentais para a compreensão de suas atitudes e relações com a Educação Física. A falta de oportunidades para meninas vivenciarem práticas corporais diversificadas fora da escola, aliada à internalização de estereótipos de gênero, pode gerar insegurança, medo e desconforto, dificultando a participação nas aulas. Por isso, o professor precisa estar atento à bagagem de experiências que cada aluno traz para a sala de aula, considerando que atitudes, comportamentos e interesses são moldados pelo contexto sociocultural e familiar (Garcia; Pereira, 2019; Goellner, 2010; Jaco; Altmann, 2016; Souza; Moura, 2022). Promover a inclusão e a equidade nas aulas de Educação Física, portanto, exige uma prática pedagógica sensível e atenta às diferentes realidades e trajetórias dos estudantes, criando um ambiente em que todos e todas se sintam acolhidos, respeitados e confiantes para participar e aprender.

Compreender a dimensão cultural do movimento, como proposto por Jocimar Daolio (2004), é fundamental para romper com essa visão reducionista. Daolio argumenta que a Educação Física deve se voltar para a cultura corporal do movimento, reconhecendo as diferentes formas como as pessoas significam suas práticas corporais em seus contextos sociais. Essa perspectiva amplia o escopo da Educação Física, que deixa de ser vista apenas como uma área voltada para o desenvolvimento motor e passa a ser compreendida como um campo de conhecimento que lida com a cultura e com a construção de sentidos e significados.

Para Daolio (2004), a análise da cultura na Educação Física não deve se restringir a aspectos técnicos ou biológicos, mas sim considerar a dimensão simbólica das práticas corporais. Isso implica reconhecer que os movimentos não são apenas ações físicas, mas também expressões culturais que carregam valores, crenças e significados específicos de cada grupo social. A partir dessa perspectiva, a Educação Física pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e reflexivos, capazes de compreender e transformar a realidade social em que estão inseridos. Para além das habilidades motoras, portanto, a Educação Física deve se preocupar em desenvolver a competência cultural dos estudantes, promovendo o respeito à diversidade e a desconstrução de estereótipos de gênero.

3.2 Incentivo familiar

A influência da família na relação das crianças e jovens com a Educação Física e o esporte é um tema recorrente nos estudos analisados, embora nem sempre de forma explícita. Apesar de alguns artigos concentrarem-se em outros aspectos, como a construção social de gênero e as relações de poder na escola, a importância do incentivo familiar desponta como um fator essencial para a participação, o engajamento e o desenvolvimento de uma relação positiva com a cultura corporal do movimento.

Junior e Vasconcelos (2022) investigaram diretamente a percepção de estudantes sobre o apoio familiar recebido para a prática de atividades físicas e esportivas. Seus resultados mostram uma correlação positiva entre o incentivo da família e o protagonismo das meninas nas aulas de Educação Física. Alunas que relataram maior apoio dos pais e responsáveis também demonstraram maior participação, envolvimento e autoconfiança nas atividades propostas. Esse dado sugere que o incentivo familiar não se limita a encorajar a prática esportiva, mas também contribui para a construção de uma identidade positiva em relação ao próprio corpo e às suas capacidades motoras. As "escolinhas" de esporte, mencionadas no estudo como espaços de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades, aparecem como um importante complemento às aulas de Educação Física, e o apoio familiar para a participação nessas atividades se mostrou especialmente relevante para as meninas protagonistas.

A pesquisa de Cruz *et al.* (2021), apesar de não focar especificamente no incentivo familiar, ressalta a importância do contexto sociocultural na participação feminina no futebol. A falta de incentivo, aliada à reprodução de estereótipos de gênero e à discriminação, cria barreiras que dificultam o acesso das meninas a esse esporte. Podemos inferir, portanto, que famílias que reforçam esses estereótipos e que não incentivam a prática esportiva por meninas contribuem para sua exclusão do futebol e para a perpetuação da desigualdade de gênero nesse contexto. A ausência de modelos femininos no esporte, muitas vezes também relacionada à falta de apoio familiar, reforça a ideia de que o futebol é um espaço exclusivamente masculino.

Jaco e Altmann (2017), ao analisarem os significados e as expectativas de gênero na Educação Física, destacam a influência das experiências prévias dos estudantes – que se iniciam no ambiente familiar – em suas relações com a disciplina. A falta de experiências anteriores com determinadas práticas corporais pode gerar insegurança e desmotivação, afetando o engajamento e a participação nas aulas. Nesse sentido, o incentivo familiar para que meninas

experimentem diferentes modalidades esportivas desde cedo é fundamental para que elas cheguem à escola com um repertório motor mais amplo e com maior autoconfiança.

Matos *et al.* (2016), em sua revisão sistemática sobre a discussão de gênero nas aulas de Educação Física, reforçam a influência da cultura escolar na construção de estereótipos de gênero. Embora não mencionem diretamente o incentivo familiar, os autores apontam que a escola reproduz e reforça padrões de comportamento que, muitas vezes, se originam no ambiente familiar. A falta de apoio dos pais para que as meninas pratiquem esportes, associada à ênfase em atividades consideradas mais "femininas", contribui para a perpetuação de um imaginário social que limita suas possibilidades de vivência corporal e restringe seu acesso ao universo esportivo.

Em síntese, os estudos analisados apontam para a importância do incentivo familiar como um fator imprescindível para a participação e o desenvolvimento das meninas nas aulas de Educação Física. O apoio da família não apenas contribui para o desenvolvimento de habilidades motoras e para a construção de uma relação positiva com o esporte, mas também influencia a autopercepção das meninas em relação a seus corpos e suas capacidades. A falta de incentivo, por outro lado, associada à reprodução de estereótipos de gênero e à limitação das vivências prévias, pode gerar insegurança, medo e autoexclusão, reforçando a desigualdade entre os sexos no contexto da Educação Física Escolar. Estimular o apoio familiar à prática esportiva por meninas, portanto, é indispensável para promover a inclusão e a equidade de gênero nas aulas, garantindo que todas as alunas tenham a oportunidade de desenvolver seu potencial e construir uma relação saudável e empoderada com o movimento e o esporte.

3.3 Exclusão, autoexclusão, seleção de conteúdos e intencionalidade pedagógica

Essa exclusão ou autoexclusão dos jogos ocorre devido às frustrações tidas durante as aulas. As meninas que tentam participar, muitas vezes, sofrem preconceito, como violência simbólica e verbalizada, e são motivo de chacota, menosprezadas pelos meninos, além do *bullying*, influenciando em sua desmotivação em realizar as atividades. A desigualdade de gênero presente nas aulas vem por meio de comentários e expressões de ironia, em uma visão sexista dos meninos, fragilizando e afastando ainda mais as meninas das aulas. (Cruz *et al.*, 2021; Junior; Vasconcelos, 2022; Malvar; Souza Junior, 2021; So *et al.*, 2021).

Muitas pesquisas trazem essa falta de empatia e cooperação por parte dos meninos com as meninas, como na fala dessa aluna: “sou muito ruim, professor, e os meninos me xingam, pois não aceitam que eu erre as jogadas” (Oliveira; Grifoni; Varotto, 2020, p. 23). E se o docente não tomar um posicionamento quando ocorrem esses comportamentos, as aulas irão privilegiar somente aqueles estudantes que são mais habilidosos. Entretanto, “para as meninas [...] estabelecer um ambiente de aprendizagem que as faça sentir seguras e acolhidas para não sofrerem *bullying*/sexismo pelo simples fato de errarem um chute ao gol” (Malvar; Souza Junior, 2021, p. 119) seria o mais necessário.

Esses preconceitos com frequência ocorrem em aulas, onde o conteúdo esportivo é a temática, sendo um objeto do conhecimento predominante na EFE, sobre o qual os meninos têm mais afinidade e contato, além de haver uma questão de habilidade técnica necessária, sendo as práticas consideradas tradicionalmente masculinas, por exemplo, futebol e futsal. Tal privilégio nessas práticas coletivas ocorre em muitos espaços escolares, havendo uma repetição destes conteúdos durante os anos em idade escolar (Campos *et al.*, 2008; Jaco; Altmann, 2017; Malvar; Souza Junior, 2021; So *et al.*, 2021).

Ademais, quando o professor não diversifica seus conteúdos durante o ano letivo, focando somente em determinados saberes esportivos, isso fará com que as alunas sejam desmotivadas a participar das aulas – desde que não haja uma dinâmica capaz de agregar a todas. Desta maneira, “é fundamental o papel do docente e da escola, que tem a função de estimular e motivar as meninas a aflorar o desejo de praticar atividade física de maneira prazerosa, desenvolvendo e esboçando aulas criativas” (Matos *et al.*, 2016, p. 272), sempre refletindo sobre como deixar esses conteúdos mais instigantes. Desta maneira, a

[...] diversificação dos conteúdos nas aulas de Educação Física torna-se um aspecto muito importante a ser considerado para que os/as alunos/as possam ter a chance de ampliar seus interesses e seu repertório de conhecimentos, também no âmbito corporal, incluindo o desenvolvimento de habilidades [...] (Altmann; Ayoub; Amaral, 2011, p. 497).

Os diferentes conteúdos, além do estímulo por parte do docente, são de extrema importância para fazer das aulas ambientes onde haja maior harmonia com diversificação de conteúdos/atividades e uma metodologia adequada, a fim de potencializar a participação de todos/as nas atividades propostas, sem ter medo ou vergonha de cometer erros (Altmann; Ayoub; Amaral, 2011; Corsino; Auad, 2014; Junior; Vasconcelos, 2022). Como Cruz *et al.*

(2021) trazem em seu estudo, os incentivos por parte dos professores refletem na quantidade de meninas participantes na modalidade esportiva do futebol, mesmo que elas tenham sofrido preconceito por parte dos meninos.

Esses incentivos e mudanças nas dinâmicas das aulas, agregando a todos/as e trabalhando uma diversidade de conteúdos, podem influenciar na participação das meninas nas aulas. Quando meninas participam, é de extrema valia, pois o fato de estarem ocupando aquele espaço colabora para se tornarem protagonistas e incentivarem outras alunas a estarem também participando. O processo de participação feminina na EFE envolve diversos fatores, causas e significados, abrangendo visões do papel da mulher que necessitam ser modificadas na sociedade.

Portanto, a análise dos dados e a discussão da literatura demonstram que a participação das meninas nas aulas de Educação Física Escolar está intrinsecamente ligada à construção social de gênero no Brasil e às relações de poder que permeiam o espaço escolar. As desigualdades de gênero contribuem para a perpetuação de estereótipos e para a reprodução de práticas excludentes, afetando a forma como meninas e meninos vivenciam seus corpos e interagem nas aulas. Essa dinâmica de exclusão, que muitas vezes se inicia no ambiente familiar e social, reforça a necessidade de uma Educação Física Escolar que promova a inclusão, a equidade e o respeito à diversidade.

A internalização de estereótipos de gênero e a consequente construção de um imaginário social limitante em relação às práticas esportivas femininas, como discutido por Louro (1997), são barreiras significativas que precisam ser enfrentadas no contexto escolar. A autora defende a importância de se desconstruir a lógica binária que define papéis e expectativas diferentes para meninos e meninas, valorizando a diversidade de expressões corporais e criando um ambiente de aprendizagem que acolha as singularidades de cada estudante. Superar essas barreiras socioculturais, conforme apontam Cruz *et al.* (2021) e Matos *et al.* (2016), é essencial para promover a participação e o engajamento das meninas nas aulas de Educação Física.

Daolio (2004) complementa essa perspectiva, argumentando que a Educação Física deve ir além do desenvolvimento motor e das habilidades físicas, voltando-se para a cultura corporal do movimento e para a construção de sentidos e significados. Para o autor, a análise das práticas corporais deve considerar a dimensão simbólica, reconhecendo os valores, as crenças e os significados que cada grupo social atribui aos seus movimentos. Essa abordagem, que valoriza a diversidade cultural e a complexidade das relações sociais, contribui para a

desconstrução de estereótipos e para a criação de um ambiente mais inclusivo nas aulas de Educação Física.

A intencionalidade pedagógica do professor é fundamental. Criar um ambiente inclusivo e equitativo, como defendido por Louro (1997), exige uma postura crítica e reflexiva em relação às questões de gênero. É preciso ir além da lógica binária, valorizar a diversidade de expressões corporais e promover a participação de todos os estudantes, independentemente de gênero ou de experiências prévias. O professor deve estar atento à bagagem de experiências que cada aluno traz para a sala de aula, considerando que atitudes, comportamentos e interesses são moldados pelo contexto sociocultural e familiar (Garcia; Pereira, 2019; Goellner, 2010; Jaco; Altmann, 2016; Souza; Moura, 2022).

Uma prática pedagógica sensível e atenta a essas diferentes realidades, que promova a reflexão crítica sobre os estereótipos de gênero e a valorização das diferentes expressões corporais, é essencial para a construção de um ambiente acolhedor, respeitoso e estimulante, no qual meninas e meninos possam desenvolver uma relação positiva com o movimento, com o esporte e com seus próprios corpos. A sistematização da análise dos artigos selecionados sintetiza os principais fatores que influenciam a participação das meninas nas aulas de Educação Física e reforça a necessidade de se promover uma Educação Física Escolar mais inclusiva, equitativa e socialmente transformadora.

4 Considerações finais

Ao finalizar as análises sobre essa temática, é perceptível que os fatores que influenciam na participação das meninas nas aulas de Educação Física Escolar são variados, embora todos estejam relacionados à desigualdade de gênero presente na sociedade brasileira. Desde a infância, as meninas são pressionadas a se encaixar em padrões de comportamento considerados "femininos", o que impacta sua relação com as práticas corporais e o desenvolvimento de habilidades motoras. Essa influência se estende ao ambiente escolar, onde preconceitos e estereótipos de gênero limitam as oportunidades de participação e aprendizado das alunas.

O incentivo familiar à prática esportiva e a construção de um ambiente escolar acolhedor e inclusivo são fatores cruciais para promover a participação feminina nas aulas de Educação Física. A escola deve ser um espaço de reflexão crítica sobre as práticas corporais, muitas vezes marcadas por uma lógica sexista e excludente. A diversificação dos conteúdos e a adoção de

metodologias que valorizem as diferentes experiências e habilidades das alunas são essenciais para romper com essas lógicas e garantir a participação plena de todas.

A menor participação feminina nas aulas de Educação Física, cujas causas foram aqui analisadas, traz impactos significativos para a formação integral das discentes. A exclusão ou a autoexclusão das práticas corporais pode afetar negativamente o desenvolvimento motor, a autoestima, a saúde física e mental, além de perpetuar a desigualdade de gênero. Para os professores, isso representa o desafio de criar ambientes de aprendizagem mais inclusivos e equitativos, que valorizem a diversidade e promovam o protagonismo de todas as alunas. Futuros estudos podem aprofundar a investigação sobre os impactos a longo prazo da menor participação feminina e sobre as estratégias pedagógicas mais eficazes para promover a inclusão nas aulas de Educação Física.

Referências

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 491-501, maio/ago. 2011.

BRASIL. Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, RJ. 1941.

CAMPOS, A. F. *et al.* questão de gênero nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 3, n. 3, p. 79-88, set. 2008.

CORSINO, L. N.; AUAD, D. Relações raciais e de gênero: a educação física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais. **Educação: Teoria e Prática**, v. 24, n. 45, p. 57-75, jan./abr. 2014.

CRUZ, A. P. *et al.* A mulher no mundo do futebol: participação nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. Edição Especial: Pedagogia do Esporte. São Paulo. v. 13, n. 55, p. 581-588, jan./dez. 2021.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DI PIERRO, C. F. Mulher e esporte: uma perspectiva de compreensão dos desafios do Ironman. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-22, dez. 2007.

FERREIRA, J. C. B. **A participação das meninas nas aulas de educação física nos anos finais do ensino fundamental e médio em escolas públicas a partir de fontes**

bibliográficas. 2019. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

GAMBOA, S. S. **Pesquisa em educação:** métodos e epistemologias. 3. ed. rev., atual. e ampl. Chapecó, SC: Argos, 2018.

GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. Corpo, práticas corporais e relações de gênero na educação física brasileira: uma pesquisa bibliográfica. **Horizontes - Revista De Educação**, v. 7, n. 14, p. 153-179.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, [S. l.], p. 71-83, mar. 2010.

JACO, J. F.; ALTMANN, H. Educação Física Escolar e Gênero: Influências de fora da escola na participação em aulas. **Educação: Teoria e Prática**, v. 26, n. 51, p. 19-35, jan./abr. 2016.

JACO, J. F.; ALTMANN, H. Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de Educação Física. **Revista Educação em Foco**. Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 1-26, jun. 2017.

JUNIOR, P. Z.; VASCONCELOS, V. Relações de gênero na educação física escolar: contribuições da educação popular. **Motricidades: Rev. SPQMH**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 102-114, maio/ago. 2022.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MALVAR, A. J. M.; SOUZA JUNIOR, O. M. “E a gente teve que aprender a conviver”: meninas e futsal escolar. **Motricidades: Rev. SPQMH**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 106-122, jan./abr. 2021.

MATOS, N. R. *et al.* Discussão de gênero nas aulas de Educação física: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, Florianópolis. v. 28, n. 47, p. 261-277, maio. 2016.

OLIVEIRA, M. C. D.; GRIFONI, T.; VAROTTO, N. R. Participação de meninas no Futebol Callejero: intervenção na Educação Física Escolar. **Motricidades: Rev. SPQMH**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 15-26, jan.-abr. 2020.

SANTOS, A. L. F. *et al.* Três tipos de estudos de revisão nas pesquisas educacionais: caracterização e análise. **Revista Tópicos Educacionais**, Pernambuco, v. 28, n. 02, p. 135-160, 2022.

SO, M. R. *et al.* Gosto, importância e participação de meninas e meninos na Educação Física no ensino médio. **Educación Física y Ciencia**, [S. l.], v. 23, n.1, e158, jan./mar. 2021.

SOUSA, E. S. de; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, [S. l.], ano XIX, n. 48, p. 52-68, ago. 1999.

SOUZA, B. M. Diálogos sobre Gênero e Educação Física Escolar: relato de experiência. *In:* CONGRESSO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2023, Barretos, **Anais[...]**. Barretos, 2023, p. 111-115.

SOUZA, B. M.; MOURA, D. D. Desconstruindo as relações assimétricas de gênero na escola: percepções a partir de uma formação continuada. *In*: III CONGRESSO BRASILEIRO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2022, Online, **Anais[...]**. 2022, p. 1-6.

Enviado em: 08/08/2024

Revisado em: 06/06/2025

Aprovado em: 11/07/2025